

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO EM LETRAS – PORTUGUÊS**

RAFAELA FLORIANO MOTA

**A ECOLALIA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM DE AUTISTAS
VERBAIS NA APAE DE ALEGRETE/RS**

**Jaguarão
2022**

RAFAELA FLORIANO MOTA

**A ECOLALIA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM DE AUTISTAS
VERBAIS NA APAE DE ALEGRETE/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Letras –
Português da Universidade Federal do
Pampa, Polo Alegrete, como requisito
parcial para obtenção do título de
licenciada em Letras – Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Denise Aparecida
Moser

**Jaguarão
2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

M917e Mota, Rafaela Floriano

A ecolalia no desenvolvimento da linguagem de autistas
verbais na APAE de Alegrete/RS / Rafaela Floriano Mota.
25 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2022.

"Orientação: Denise Aparecida Moser".

1. Transtorno do espectro autista. 2. Ecolalia. 3.
Desenvolvimento da linguagem. 4. Atendimento terapêutico . I.
Título.

RAFAELA FLORIANO MOTA

**A ECOLALIA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM DE AUTISTAS
VERBAIS NA APAE DE ALEGRETE/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras – Português da Universidade Federal do Pampa, Polo Alegrete, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras – Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Denise Aparecida Moser

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 11 de março de 2022.

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Denise Aparecida Moser

Orientadora

Unipampa

Prof^a. Dr^a. Cláudia Camerini Corrêa Pérez

Unipampa

Prof^a. Dr^a. Jorama de Quadros Stein

Unipampa



Assinado eletronicamente por **DENISE APARECIDA MOSER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/03/2022, às 15:10, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CLAUDIA CAMERINI CORREA PEREZ, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/03/2022, às 15:28, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **JORAMA DE QUADROS STEIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/03/2022, às 15:34, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0753092** e o código CRC **04C48237**.

Dedico ao meu pai, por me incentivar a concluir o curso. Dedico ao meu irmão, por me motivar a conhecê-lo melhor para ajudá-lo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, por ser meu alicerce e nunca me deixar desistir.

Agradeço especialmente à minha orientadora, Professora Denise Aparecida Moser, por me conduzir a realizar um trabalho majestoso e eludir do raso.

Agradeço à Unipampa, Campus Jaguarão e ao Polo Alegrete, por todo o suporte durante o curso, principalmente, aos profissionais que sempre fizeram o possível para que as demandas discentes fossem atendidas.

Agradeço imensamente a todos os profissionais envolvidos, para que o meu sonho se tornasse possível, aos docentes do curso, aos funcionários das secretarias acadêmicas de Jaguarão e Alegrete, aos funcionários da limpeza e aos colegas de graduação.

Obrigada a todos que, de alguma forma, ajudaram-me e deram forças nessa caminhada cheia de obstáculos, inseguranças e incertezas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 O Transtorno do Espectro Autista.....	11
2.2 A Ecolalia e a Intervenção Terapêutica.....	12
2.3 O Sociointeracionismo.....	14
3 METODOLOGIA.....	15
4 RESULTADOS.....	17
4.1 Local.....	17
4.2 Dados Coletados.....	17
4.3 Análise Comparativa e Histórica.....	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	22
ANEXO.....	24
APÊNDICE.....	25

A ECOLALIA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM DE AUTISTAS VERBAIS NA APAE DE ALEGRETE/RS

Rafaela Floriano Mota¹

RESUMO: A presente pesquisa objetiva analisar como os profissionais especializados da Associação de Pais e Mestres, do município de Alegrete/RS, intervêm na ecolalia produzida por autistas verbais, para difundi-las aos professores de português da educação básica. Para isso, apresentam-se informações pertinentes acerca do Transtorno do Espectro Autista, da teoria sociointeracionista de Vygotsky (2002) e de alguns estudos referentes à ecolalia imediata e tardia (CHARLOP, 1986; TARPLEE; BARROW, 1999; BERNARD-OPTZ *et al.*, 2000). Além disso, expõe-se a aplicação de um questionário, contendo 15 questões dissertativas, respondidas por uma fonoaudióloga e uma psicopedagoga da referida instituição. Os dados levantados, analisados sob a ótica da teoria sociointeracionista de Vygotsky (2002), do desenvolvimento da linguagem de Schirmer, Fontoura e Nunes (2009) e de análise do conteúdo de Bardin (2002), revelaram que a ecolalia é a etapa fundamental para o desenvolvimento da linguagem de pessoas com TEA, porque a diminuição dela serve de parâmetro para identificar o sucesso ou falha nos programas de intervenção terapêutica. Destaca-se também a importância do trabalho em conjunto dos terapeutas, da família e das escolas, no sentido de formar uma rede de apoio e proporcionar interações sociais para o autista.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Ecolalia. Desenvolvimento da linguagem. Atendimento terapêutico.

ABSTRACT: The present research aims to analyze how the specialized professionals of the Association of Parents and Teachers, in the city of Alegrete/RS, intervene in the echolalia produced by verbal autistics, to spread them to Portuguese teachers of basic education. For this, relevant information about Autism Spectrum Disorder, Vygotsky's socio-interactionist theory (2002) and some studies concerning immediate and delayed echolalia are presented (CHARLOP, 1986; TARPLEE; BARROW, 1999; BERNARD-OPTZ *et al.*, 2000) In addition, the application of a questionnaire is exposed, containing 15 essay questions, answered by a speech therapist and a psychopedagogue from the aforementioned institution. The data collected, analyzed from the perspective of Vygotsky's (2002) socio-interactionist theory, Schirmer, Fontoura and Nunes' (2009) language development and Bardin's (2002) content analysis, revealed that echolalia is the fundamental stage for the development of language in people with ASD, because its decrease serves as a parameter to identify the success or failure of therapeutic intervention programs. The importance of working together with therapists, families and schools is also highlighted, in order to form a support network and provide social interactions for the autistic.

Keywords: Autistic Spectrum Disorder. Echolalia. Language Development. Therapeutic Service.

¹Acadêmica do curso de Letras – Português, da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão, Polo Alegrete. Email institucional: rafaelamota.aluno@unipampa.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), estabelecido pelo Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5 (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014), apresenta déficits expressivos na comunicação verbal e não verbal para a interação social e que variam de acordo com o nível de desenvolvimento de cada um. E esse é o tema do presente estudo, especificamente sobre a ecolalia produzida por autistas verbais da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), no município de Alegrete/RS.

A motivação, para o desenvolvimento deste trabalho, dá-se ao fato de que esta pesquisadora tem um irmão autista de 7 anos de idade que possui graves atrasos, dentre eles, a dificuldade de formar frases e dar significado aos símbolos e de comunicar-se apenas por gesticulações e repetições.

Diante disso, tem-se a seguinte questão norteadora: como os profissionais especializados da APAE do município de Alegrete/RS intervêm na ecolalia produzida por autistas verbais? A aquisição da linguagem, na ótica da teoria sociointeracionista de Vygotsky (2002), defende que a criança se desenvolve pelo resultado dos hábitos e práticas sociais. Nesse sentido, acredita-se também que a ecolalia, de certa forma, exige interação social, pois, uma afirmação modelo, geralmente produzida por uma pessoa, é necessária para que o autista a repita. Por essa razão, não se pode desconsiderar a importância da ecolalia para a aquisição e aprendizagem da linguagem.

A reflexão acerca da produção da ecolalia por autistas verbais é de extrema importância para as (os) fonoaudiólogas (os) e profissionais da área da linguagem. Faz-se necessário identificar a intenção comunicativa da ecolalia para pensar em possíveis intervenções, a fim de desenvolver a linguagem desses indivíduos. Além disso, é de grande valia para a sociedade conhecer esse distúrbio da linguagem tão frequente em crianças com TEA.

Com isso, o principal objetivo deste estudo é refletir como os profissionais especializados da APAE, do município de Alegrete/RS, intervêm na ecolalia produzida por autistas verbais, para difundi-las aos professores de português da educação básica. Para isso, apresentam-se o Transtorno do Espectro Autista (TEA) (SCHIRMER; FONTOURA; NUNES, 2009; BATISTA, 2012; AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014), a teoria Sociointeracionista de Vygotsky

(2002), estudos referentes à ecolalia (SAAD; GOLDFIELD, 2009; CHARLOP, 1986; TARPLEE; BARROW, 1999; BERNARD-OPTZ *et al.*, 2000; BEBKO, 1990; GATTINO, 2009; SÁ, 2003) e propõem-se uma reflexão acerca das intervenções realizadas por profissionais especializados da APAE de Alegrete/RS para desenvolver a linguagem dos autistas, a partir de um questionário (Apêndice 1), promovendo-as às práticas pedagógicas de professores de português da educação básica.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As subseções seguintes apresentam o Transtorno do Espectro Autista e seus déficits na linguagem, pois a pessoa autista não se desenvolve como o esperado. Além disso, traz a ecolalia como foco principal do estudo. Divide-se a ecolalia em imediata ou tardia e mostra como podem ajudar na intervenção terapêutica de pessoas com TEA, a fim de desenvolver a linguagem. Por fim, demonstra que o sociointeracionismo de Vygotsky (2002) é a teoria principal que ancora o estudo da aquisição e aprendizagem da linguagem por meio de interações sociais, evidenciando o papel do profissional especializado que intervém no autismo.

2.1 O Transtorno do Espectro Autista

O desenvolvimento normal da linguagem de uma criança é a partir dos 12 meses, quando começa a falar palavras isoladas. E, até os 4 anos de idade, a criança aprende conceitos abstratos, compreende entre 1500 a 2000 palavras, formula frases e faz perguntas.

É o que não acontece com crianças que possuem diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) que se caracteriza pelos déficits em diversas áreas do desenvolvimento como habilidades de interação social e de comunicação ou a presença de estereotipias de comportamentos e interesses. Os sintomas são percebidos desde o segundo ano de vida (SCHIRMER; FONTOURA; NUNES, 2009, p. 96).

O TEA não tem cura, mas existem profissionais da saúde que podem realizar um tratamento adequado a essas pessoas para que elas se desenvolvam e suas características passem a ser cada vez menos perceptíveis. O tratamento é um

processo de reabilitação física e psicológica que tem como objetivo a reintegração social (BATISTA, 2012, p. 3). Este trabalho detém-se a analisar as características e déficits dos autistas na linguagem e nas interações sociais. Para isso, é necessário diferenciar o que é comunicação do que é linguagem.

Linguagem inclui a forma, a função e o uso de um sistema convencional de símbolos (i.e., palavras faladas, linguagem de sinais, palavras escritas, figuras), com um conjunto de regras para a comunicação. Comunicação inclui todo comportamento verbal e não verbal (intencional ou não) que influencia o comportamento, as ideias ou as atitudes de outro indivíduo. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 85).

As pessoas com TEA, na maioria das vezes, comunicam-se, seja por gestos ou por apontamento ou através de expressões faciais, mas dificilmente falam. Isso acontece porque o processo de aquisição da linguagem envolve quatro sistemas: o pragmático, o fonológico, o semântico e o gramatical. O pragmático é o uso comunicativo da linguagem em um contexto social. O fonológico é a percepção dos sons para formar palavras. O semântico respeita as palavras e seus significados. E o gramatical compreende as regras sintáticas e morfológicas para combinar palavras e formar frases (SCHIRMER; FONTOURA; NUNES, 2009).

“No autismo, a compreensão e a pragmática estão invariavelmente afetadas, e os achados incluem prosódia aberrante, ecolalia e persistência inapropriada no mesmo tema.” (SCHIRMER; FONTOURA; NUNES, 2009, p. 96-98). Identifica-se prosódia aberrante como o uso inapropriado da acentuação e entonação durante a fala e ecolalia como uma repetição em eco da fala. “Esse fenômeno linguístico vem sendo relatado como característica da Síndrome Autística, desde suas primeiras descrições em 1943.” (SAAD; GOLDFIELD, 2009, p. 256). Além disso, a persistência inapropriada no mesmo tema, indica-se quando a pessoa com TEA repete seguidamente as mesmas palavras ou frases sem intenção comunicativa iminente.

2.2 A Ecolalia e a Intervenção Terapêutica

No presente estudo, dedica-se à ecolalia. Identificam-se dois tipos de produção da ecolalia, a imediata e a tardia. A imediata ocorre logo após a afirmação modelo, e a tardia leva um tempo maior. Ademais, a imediata pode ser definida como: não-focalizada, troca de turno, declarativa, ensaio, autorregulatória, resposta

afirmativa e pedido. Já a tardia, divide-se em: não interativas troca de turno, declarativa, ensaio, autorregulatória, resposta afirmativa e pedido (SAAD; GOLDFIELD, 2009, p. 256).

É importante frisar que a ecolalia não aparece apenas em pessoas diagnosticadas com TEA. Existem alguns estudos que demonstram a ocorrência de ecolalia em indivíduos não afetados por qualquer deficiência. Apesar disso, Saad e Goldfield (2009) mostram que a maior aparição desse fenômeno linguístico é em pessoas autistas, pois acreditam que “[...] o autismo é a principal síndrome desencadeadora da mesma.” (SAAD; GOLDFIELD, 2009, p. 256).

Há inúmeros estudos da frequência da ecolalia imediata. Dentre eles, destaca-se o estudo de Charlop (1986), realizado em seis crianças autistas com interlocutores e figuras de objetos e diferentes tarefas. Os autores verificaram que a maior ocorrência de ecolalia foi na relação de “pessoa não familiar/figura de objeto não familiar” e depois, “pessoa familiar/figura de objeto não familiar”, indicando que os estímulos estranhos têm maior frequência na ecolalia. Isso mostra que é possível tirar maior proveito na terapia com a ecolalia imediata.

Outra pesquisa é a de Tarplee e Barrow (1999) que analisaram o caso de uma criança de três anos, que utilizava a ecolalia tardia como recurso intencional. O uso dela contribuiu para que a criança tivesse mais interações com a mãe, trazendo-a para o mundo dos desenhos e também para ter respostas. A mãe também começou a produzir a ecolalia tardia para chamar a atenção da criança. Dessa forma, a criança se sentiu mais motivada e incentivada a produzir a fala.

No mesmo sentido, uma investigação realizada por Bernard-Optz *et al.* (2000), em dez crianças autistas, com seus pais e uma terapeuta, revelou que as crianças verbais se comunicavam com seus pais geralmente através do uso da ecolalia. Depois de 20 meses de terapia, as mesmas crianças mostraram uma redução natural de ecolalias e um aumento da comunicação espontânea. Isso leva a crer que a ecolalia é uma importante etapa da aquisição da linguagem de pessoas com TEA (SAAD; GOLDFIELD, 2009, p. 258).

De acordo com Bebko (1990), a diminuição da ecolalia pode servir como parâmetro de sucesso ou falha em programas de intervenção da linguagem em pessoas autistas. Crianças que apresentam menores habilidades linguísticas têm menor probabilidade de se beneficiar de terapias baseadas em discursos

tradicionais. Por isso, uma sugestão, para essas crianças, é o uso de uma comunicação alternativa, com o uso de sinais e fala.

Aos indivíduos que não se comunicam verbalmente, há a possibilidade de se expressar através da produção de sons da música. Esse tipo de tratamento é conhecido como musicoterapia. Segundo Gattino (2009), a musicoterapia é utilizada no desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais, emocionais, motoras e de comunicação nas pessoas autistas.

O musicoterapeuta busca estudar o desenvolvimento e as fases da criança para identificar em que etapa está o paciente e planejar experiências que possibilitem a sua participação conforme as possibilidades e limitações (SÁ, 2003). É necessário estimular a criança a cantar, brincar, dançar, pular, fazer mímicas, pois o objetivo é fazer com que a criança aumente o nível de comunicação e interação com outras pessoas.

Todos os processos e procedimentos de intervenção terapêutica estão ligados por uma só corrente, o Sociointeracionismo. O objetivo principal das intervenções destinadas às pessoas com TEA é desenvolver a linguagem por meio da interação social. Nesse sentido, este trabalho está ancorado na teoria sociointeracionista de Vygotsky (2002), apresentada a seguir.

2.3 O Socionteracionismo

Lev Vygotsky foi um psicólogo Russo que viveu de 1896 a 1934. Teve uma morte prematura por conta de uma tuberculose. Apesar de fazerem mais 70 anos de sua morte, seus estudos ainda continuam bem atuais e são debatidos por muitos profissionais da contemporaneidade.

A teoria sociointeracionista de Vygotsky (2002) mostra que o desenvolvimento psicológico não pode ser visto como um processo descontextualizado. Para Vygotsky (2002), o funcionamento psicológico do indivíduo está diretamente relacionado com as interações sociais estabelecidas com o mundo exterior. Além disso, a relação do indivíduo com o mundo é mediada pelos símbolos, ou seja, a linguagem ocupa papel fundamental para que através dela haja generalização e abstração dos pensamentos. “Primeiro a criança utiliza a fala socializada para se comunicar. Só mais tarde é que ela passará a usá-la como instrumento de

pensamento, com a função de adaptação social.” (CRAIDY; KAERCHER, 2009, p. 29).

Segundo Vygotsky (2002), todo aprendizado é mediado. Por isso, na escola, o papel do professor é mais ativo e o primeiro contato da criança com novas informações e atividades deve ter a participação do adulto. De acordo com essa teoria, o ensino deve se antecipar ao que a pessoa não sabe e não é capaz de aprender sozinha, porque na relação entre aprendizado e desenvolvimento, o aprendizado vem antes.

Nesse sentido, o mesmo ocorre na intervenção terapêutica das pessoas com TEA. O papel do profissional é mediar o contato da criança com as novas informações para que ela internalize e se aproprie do novo conhecimento.

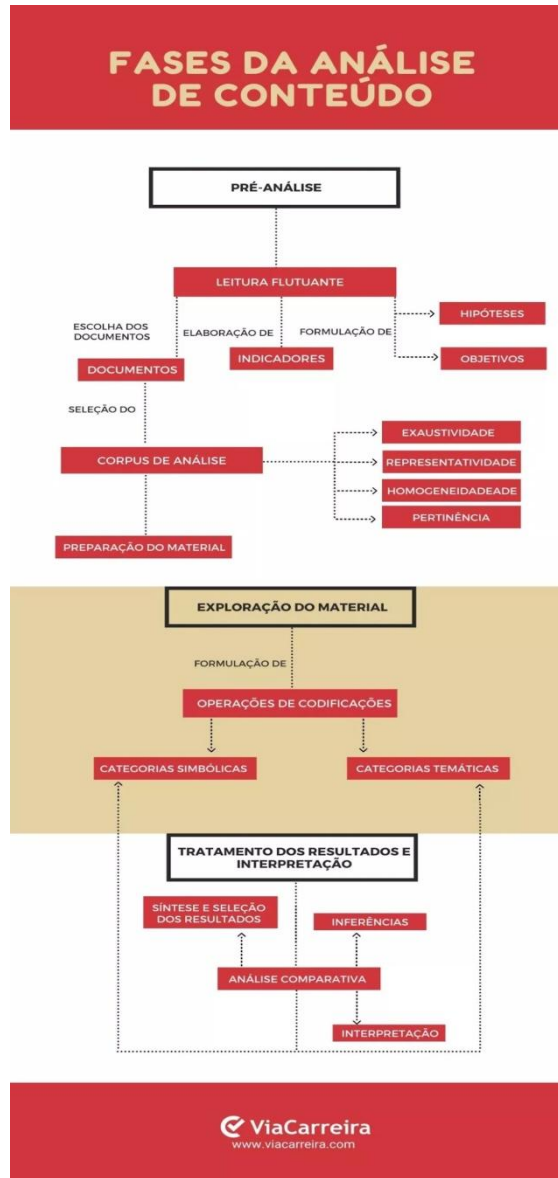
Na seção a seguir, apresentam-se os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa para a análise dos conteúdos abordados referente ao TEA, à ecolalia, à intervenção terapêutica e ao sociointeracionismo.

3 METODOLOGIA

Este artigo científico é o resultado de uma pesquisa de campo e de uma pesquisa bibliográfica desenvolvidas nos meses de outubro/2021 a fevereiro/2022. A pesquisa de campo envolveu a aplicação de um questionário de quinze questões dissertativas (Apêndice 1) com duas profissionais especializadas da APAE de Alegrete/RS (Anexo 1), que buscou refletir sobre como intervêm na ecolalia produzida por autistas verbais.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que, de acordo com Goldenberg (1997, p. 34), preocupa-se com o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou organização. Sendo assim, analisaram-se os dados na ótica da teoria sociointeracionista e aquisição da linguagem de Vygotsky (2002) e nas ideias de desenvolvimento da linguagem de Schirmer, Fontoura e Nunes (2009). Além disso, realizou-se uma análise do conteúdo que é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que emprega procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 2002). Esse tipo de análise busca o verdadeiro sentido da mensagem, compara as mensagens e busca descrevê-las de forma objetiva. Para realizá-la, é necessário seguir três passos como mostra a Figura 1.

Figura 1 - Fases da análise de conteúdo



Fonte: Moretti (2021, s. p.)

Primeiro realiza-se a pré-análise com uma leitura flutuante, a partir desta, formulam-se hipóteses e identifica-se o corpus de análise. Em seguida, ocorre a exploração do material com a formulação de operações de codificação. Por último, realiza-se o tratamento dos resultados e interpretações, nessa etapa sintetiza-se e seleciona-se os resultados obtidos, comparando-os.

Por fim, a pesquisa é aplicada, pois objetiva gerar conhecimentos para a aplicação prática, assimilados à solução dos problemas referentes ao desenvolvimento da linguagem de autistas, que envolvem verdades e interesses locais.

A próxima seção expõe os resultados obtidos na pesquisa, como o local onde foi realizada, os dados coletados com o questionário e as análises comparativas e históricas desses dados.

4 RESULTADOS

4.1 Local

Para a coleta dos dados, realizou-se uma visita na APAE de Alegrete/RS e entregou-se a carta de apresentação (Anexo 1) para a diretora da instituição, a qual a autorizou para a realização do trabalho com menção da APAE e a aplicação do questionário nas profissionais especializadas.

Após, marcou-se um segundo encontro na instituição para conhecê-la e aplicar o questionário (Apêndice 1), porém, no dia, as profissionais estavam em atendimento e não conseguiram responder. Por isso, enviaram as respostas posteriormente pelo whatsapp. No mesmo dia, uma profissional da área da fonoaudiologia que estava livre no momento mostrou a sala de estimulação precoce onde ocorrem as terapias das crianças entre 0 a 3 anos com atrasos.

Na sala de estimulação precoce, continha uma piscina de bolinhas, um balanço, tatame sobre o piso e dois armários com diversos brinquedos que, como a profissional explicou, tem a finalidade de desenvolver a coordenação motora e a linguagem através da brincadeira e da interação entre a criança e a terapeuta.

4.2 Dados Coletados

Aplicou-se o questionário (Apêndice 1), contendo quinze perguntas dissertativas, em uma fonoaudióloga e uma psicopedagoga que realizam atendimento terapêutico em crianças de 4 a 18 anos na APAE de Alegrete/RS. Em primeiro lugar, perguntou-se qual a formação acadêmica das profissionais: a fonoaudióloga é formada pelo IPA POA, tem especialização em Transtornos do Desenvolvimento da Infância e Adolescência, e em TEA, e a psicopedagoga é licenciada em Pedagogia pela Unipampa, campus Jaguarão, com pós-graduação em TEA pelo grupo RHEMA Educação.

Ademais, questionou-se qual a definição de ecolalia. Para a profissional Fonoaudióloga “é a repetição de palavras ou frases que a criança ouve em seu cotidiano, essa repetição pode ser durante a conversa com outro, ou pode se manifestar posteriormente” (ecolalia imediata e tardia). A profissional Psicopedagoga definiu ecolalia como “uma conversa com eco da fala, a pessoa reproduz o que ouviu”.

Na sequência sobre a diferença entre ecolalia imediata e tardia, a Fonoaudióloga diferenciou-as como ecolalia imediata, repetição de palavras e frases que são ouvidas no momento, e ecolalia tardia, reprodução de palavras que são ouvidas em outro momento. A Psicopedagoga respondeu que na ecolalia imediata, a pessoa repete em seguida ou logo após a fala do outro. Já a tardia pode ser reproduzida depois de tempo e citou um exemplo de quando a criança reproduz na escola uma fala que ouviu em casa.

Adentrando nas questões mais específicas e direcionadas à instituição APAE, perguntou-se quantos autistas as profissionais atendem na APAE. Responderam que atendem sete crianças autistas. Segundo as profissionais, dois deles produzem a ecolalia dentro da terapia. A psicopedagoga informou que um produz a ecolalia imediata, e o outro, a ecolalia tardia.

Referente à maior ocorrência de ecolalia em alguma faixa etária, a fonoaudióloga respondeu que não possuía essa informação, e a psicopedagoga, que não tinha essa percepção, pois não teve muito contato com estudantes que produzem a ecolalia.

Além disso, levantou-se a questão de que “de modo geral, os autistas que essas profissionais atendem, produzem mais a ecolalia tardia ou a imediata?” A fonoaudióloga respondeu que a tardia, pois, geralmente reproduzem o que escutam em casa ou na TV. Já a psicopedagoga relatou que só tem conhecimento de duas crianças, uma produz a imediata, e outra, a tardia.

Nas questões voltadas à intervenção terapêutica, questionou-se como as profissionais especializadas trabalham a ecolalia dentro da terapia. A fonoaudióloga explica que como a maioria das crianças com TEA têm dificuldade na linguagem, ela tenta estimular para que a fala da criança seja mais funcional. Isso é feito com o treinamento de “palavrinhas”. A psicopedagoga trabalha a partir da fala que as crianças produzem.

Sobre a ou as teorias que embasam o atendimento terapêutico, a fonoaudióloga respondeu que não costuma se basear em teorias e sim nas capacidades e potencialidades de cada paciente. Já a psicopedagoga, não respondeu a pergunta.

Ainda sobre a intervenção, perguntou-se às profissionais se elas orientavam as famílias a estimularem as crianças em casa e quais são essas orientações. A fonoaudióloga respondeu que orienta que a família auxilie durante as atividades diárias e incentivem a comunicação com músicas e brincadeiras. Já a psicopedagoga respondeu que orienta a trabalharem de forma mais lúdica.

Somado a isso, questionou-se sobre o contato com as famílias fora da APAE. A fonoaudióloga mantém contato com as famílias geralmente pelo aplicativo whatsapp. Nessa questão, a psicopedagoga deu uma resposta mais completa e relatou que gosta de conversar sobre a evolução da criança com a família. Além disso, contou que, durante a pandemia, teve que auxiliar algumas famílias quando as crianças tiveram crises.

Em relação ao atendimento terapêutico, questionou-se como estruturam-se os atendimentos, se eles são realizados separadamente ou se é em conjunto com outros profissionais. No caso da fonoaudióloga, os atendimentos são realizados com a professora e com a terapeuta ocupacional. A psicopedagoga respondeu que às vezes outros profissionais atendem junto. Quanto ao tempo de duração dos atendimentos e frequência semanal, a fonoaudióloga atende uma vez na semana em uma sessão de 45 minutos, e a psicopedagoga, como é professora, atende duas vezes na semana cada criança.

Além de tudo, questionou-se se as crianças matriculadas em outras escolas possuem a mesma frequência de atendimento. Ambas responderam que sim, pois há um grande número de crianças para serem atendidas. Por fim, perguntou-se sobre o contato com as escolas para acompanhar melhor os pacientes. A fonoaudióloga respondeu que no geral mantém contato, mas algumas escolas não dão abertura, e a psicopedagoga relatou que tenta manter contato, mas agora no ano de 2022 pretende conversar com as professoras das escolas regulares para trabalharem em conjunto e beneficiarem ainda mais as crianças que precisam.

4.3 Análise Comparativa e Histórica

Compreende-se que os dados oriundos das respostas das duas profissionais demonstraram entendimento sobre o que é a ecolalia e a distinção entre a imediata e a tardia. Somado a isso, as duas deram respostas bem parecidas em algumas questões levantadas, atendem o mesmo número de crianças autistas e duas delas produzem a ecolalia dentro da terapia. Sobre a maior ocorrência de ecolalia em alguma faixa etária, ambas não souberam responder.

Além do mais, a fonoaudióloga acredita que os autistas produzem mais a ecolalia tardia porque reproduzem o que ouvem em casa e na televisão. Segundo Tarplee e Barrow (1999), data da publicação de sua pesquisa com uma criança de três anos que produz a ecolalia tardia, já observava-se a importância da família na intervenção. Nesse estudo, a mãe começou a utilizar a ecolalia tardia para se comunicar com a criança, repetindo o que via em desenhos, o que motivou a criança a produzir a fala. Mostra-se, com isso, uma grande contribuição para a intervenção terapêutica da criança, como a própria fonoaudióloga ressaltou em outra questão, é importante que as famílias sejam orientadas a estimular as crianças através de suas atividades diárias.

As duas profissionais possuem o mesmo tempo para realizar os atendimentos, mas a psicopedagoga atende com uma frequência maior de duas vezes por semana cada criança, por ser professora. Infelizmente, a profissional relata que, devido ao grande número de pessoas para serem atendidas, não é possível atender mais do que essa frequência. Por isso, é necessário ter o apoio da família para continuar intervindo em casa e, mais ainda, ter o apoio das escolas regulares. Como relatou a psicopedagoga, neste ano de 2022, ela pretende além de manter contato, planejar junto com as professoras das escolas regulares, principalmente as de português, para ajudar ainda mais os estudantes.

Há poucas diferenças em relação ao trabalho da ecolalia dentro da terapia das profissionais, a fonoaudióloga, por sua vez, disse que costuma treinar as palavras durante a terapia. Para isso, é necessário que a profissional faça uma afirmação modelo para que a criança repita. A psicopedagoga trabalha mais o lado lúdico com as crianças, relata que costuma trabalhar em cima das falas que o estudante produz. Essas falas podem ser ecolalias imediata ou tardia. Na experiência da profissional, uma das crianças em que atende produz a imediata e

outra a tardia. Essas afirmações vão ao encontro ao estudo de Charlop (1986), que observou em 6 crianças uma maior ocorrência de ecolalia imediata quando foram submetidas a objetos não familiares, o que demonstra que é possível ter um grande proveito da ecolalia imediata na terapia.

Outro ponto importante ressaltado pela fonoaudióloga é a comunicação através da música, a chamada musicoterapia estudada por Gattino (2009), que é utilizada para desenvolver as habilidades sociais, cognitivas, emocionais, motoras das pessoas autistas. Estratégia muito interessante que a profissional utiliza para incentivar as famílias dessas pessoas a auxiliarem para que o processo terapêutico traga benefícios mais rapidamente. Somado a isso, a ideia da profissional basear-se nas capacidades e potencialidades de cada paciente no atendimento terapêutico, vai ao encontro à pesquisa de Sá (2003) quando ressalta que a musicoterapia busca identificar em que etapa está o paciente e planejar experiências que possibilitem a sua participação conforme as possibilidades e limitações.

Observou-se que os atendimentos às crianças com deficiência na APAE/Alegrete, na maioria das vezes, é em conjunto com mais de um profissional, como relatado pelas profissionais. Geralmente, é a psicopedagoga (professora), fonoaudióloga e terapeuta ocupacional que realizam esses atendimentos. O princípio desse tipo de atendimento está relacionado à teoria Sociointeracionista de aquisição e aprendizagem da linguagem de Vygotsky (2002), que ressalta que o funcionamento psicológico está diretamente ligado às interações sociais e é papel desses profissionais mediar a relação dos indivíduos com os símbolos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que os estudos do século XX ainda estão bem recentes. Charlop (1986) e Tarplee e Barrow (1999) possuem pesquisas que retratam a intervenção terapêutica como ela ainda é realizada nos dias de hoje. As ideias de Sá (2003) e Gattino (2009), já deste século, ainda refletem os mesmos conhecimentos do século passado. Esses estudos demonstram que a ecolalia é uma grande aliada na intervenção terapêutica dos indivíduos com TEA.

Tanto a ecolalia imediata quanto a tardia podem auxiliar no desenvolvimento da linguagem dessas pessoas, seja dentro da terapia, em casa, ou na escola. Infelizmente, a APAE, como instituição pública, não consegue ser a única fonte de

intervenção dos autistas, pois existe uma grande demanda. Por isso, é necessário que haja a maior quantidade possível de estímulos para que essas crianças se desenvolvam.

O trabalho de intervenção das profissionais especializadas da APAE é um exemplo importante de que para desenvolver a linguagem dos autistas é preciso utilizar estratégias, tais como músicas e brincadeiras, que chamam a atenção para que se sintam motivadas a reproduzir a linguagem. Além do mais, é preciso identificar a fase de desenvolvimento de cada um para pensar nas potencialidades e dificuldades.

Este trabalho precisa ser multidisciplinar. Os professores de português da educação básica necessitam pensar em estratégias para desenvolver a linguagem das pessoas com TEA. Como afirmou Bebko (1990), as pessoas com menor habilidade linguística, dificilmente tirará proveito de discursos tradicionais, muito menos, se beneficiará em ensinamentos tradicionais. Essas estratégias, segundo Sá (2003), podem ser cantar, brincar, dançar, pular, fazer mímicas. O objetivo é fazer com que a criança se comunique e mantenha a interação social, porque, segundo Vygotsky (2002), o indivíduo só se desenvolve com as relações estabelecidas com o mundo exterior.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.

BEBKO, J. M. Echolalia, mitigation and autism: indicators from child characteristics for the use of sign language and other augmentative language systems. **Sign Lang Stud v. SPR**, v. 66, p. 61-78, 1990. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ405443>. Acesso em: 01 mar. 2022.

BERNARD-OPTZ, V.; CHEN, A.; KOK, A. J.; SRIRAM, N. Analysis of pragmatic aspects of communication behavior of verbal and nonverbal autistic children. **Prax Kinderpsychol Kinderpsychiatr**, v. 49, n. 2, p. 97-108, 2000. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10721273/>. Acesso em: 02 mar. 2022.

CRAIDY, C. M; KAERCHER, G. E. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2009.

CHARLOP, M. H. Setting effects on the occurrence of autistic children's immediate echolalia. **J of Aut and Develop Disord**, v. 4, n. 16, p. 473-83, 1986. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/3804960/>. Acesso em: 01 mar. 2022.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GATTINO, G. S. **A influência do tratamento musicoterapêutico na comunicação de crianças com Transtornos do Espectro Autista**. 2009. 119 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16859/000708275.pdf?sequence=1>. Acesso em: 02 mar. 2022.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MINAYO, M. C. S.; MINAYO-GOMÉZ, C. Difíceis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. *In*: GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R. M. G.; GOMES, M. H. A. (Orgs.). **O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 117-42.

MORETTI, I. **O que é análise de conteúdo? Veja o passo a passo do método**. ViaCarreira, 2021. Disponível em: <https://viacarreira.com/analise-de-conteudo/>. Acesso em: 26 fev. 2022.

SÁ, L. C. de. **Teia do tempo e o autista: música e musicoterapia**. Goiânia. Editora UFG; 2003.

SCHIRMER, C. R; FONTOURA, D. R; NUNES, M. L. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 80, n. 2, p. 95-103, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/46wvNTtYV4bpLw7k5tbyZ3b/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SAAD, A. G. F; GOLDFIELD, M. A ecolalia no desenvolvimento da linguagem de pessoas autistas: uma revisão bibliográfica. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, v. 21, n. 3, p. 255-260, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/250990714_A_ecolalia_no_desenvolvimento_da_linguagem_de_pessoas_autistas_uma_revisao_bibliografica. Acesso em: 10 ago. 2021.

TARPLEE, C; BARROW, E. Delayed echoing as an interactional resource: a case study of a 3-year-old child on the autistic spectrum. **Clin Ling & Fonet.**, v. 6, n. 13, p. 449-82, 1999. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/026992099298988>. Acesso em: 01 mar. 2022.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Nélson Jahr Garcia. Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores, 2002.

ANEXO

Anexo 1 - Carta de apresentação



CARTA DE APRESENTAÇÃO

Jaguarão/RS, 29 de dezembro de 2021.

Para APAE de Alegrete/RS,

O curso de Letras: Português, modalidade a distância, da Universidade Federal do Pampa, polo Alegrete/RS, encaminha a acadêmica **RAFAELA FLORIANO MOTA**, matrícula 1801150037, para a aplicação de uma **ENTREVISTA**, cuja finalidade é investigar como ocorre a intervenção terapêutica de ecolalia em autistas verbais pelos profissionais especializados da APAE de Alegrete/RS. Essa entrevista é uma das etapas do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado "A ECOLALIA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM DE AUTISTAS VERBAIS NA APAE DE ALEGRETE/RS, que está sob orientação da professora Denise Aparecida Moser, lotada no curso de Letras da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão. Os dados coletados dos entrevistados ficarão no anonimato e serão analisados exclusivamente para o presente estudo. Desde já solicitamos se a APAE de Alegrete/RS pode ser mencionada no título e no desenvolvimento do TCC. Solicitamos a colaboração e nos colocamos à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

Denise Aparecida Moser

Denise Aparecida Moser – SIAPE 1578489
Orientadora do TCC
e-mail: denisemoser@unipampa.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CNPJ: 09.341.233/0001-22
R. Conselheiro Diana s/n, Bairro Kennedy
Cep: 96300-000 Jaguarão/RS

Deferido com menção da APAE de Alegrete/RS no TCC ()
Deferido sem menção da APAE de Alegrete/RS no TCC ()
Indeferido ()

Assinatura do(a) responsável pela APAE de Alegrete/RS e carimbo

*ml
ca
Cristina de Costa*
Coordenadora Técnica-Pedagógica
Escola Especial Paul Harris
APAE / Alegrete
02/12/2021

APÊNDICE

Apêndice 1 - Questionário aplicado

PERGUNTAS NORTEADORAS

1. Qual a sua formação acadêmica?
2. Você sabe o que é a ecolalia?
3. Você sabe a diferença entre a ecolalia imediata e a tardia? Explique.
4. Quantos autistas você atende na APAE?
5. Quantos deles produzem a ecolalia?
6. Nota que há mais ocorrência de ecolalia em alguma faixa etária?
7. De modo geral, eles produzem mais a ecolalia imediata ou a tardia?
8. Como trabalha a ecolalia dentro da terapia?
9. Em quais teorias baseia-se o seu atendimento terapêutico?
10. Orienta a família a estimular as crianças em casa? Se sim. Como?
11. Mantém contato com os pacientes fora da APAE? Se sim. Por onde?
12. Os atendimentos são realizados separadamente ou em conjunto com mais profissionais?
13. Quanto tempo dura o atendimento terapêutico e quantas vezes por semana ele é realizado?
14. As crianças matriculadas em escolas "normais" fazem atendimento quantas vezes por semana?
15. Você costuma contatar as escolas para auxiliar no estímulo dessas crianças?